

A FILOSOFIA NA SALA DE AULA NO ENSINO MÉDIO.

Antonio martins de oliveira

Palavra-chave: Ensino.Dialogo.Filosofia.

A característica do texto é, discorrer sobre a temática de construção do conhecimento na sala de aula do ensino médio.Dentro disso a experiência do lecionar demarca pontos nesse horizonte designado como perspectiva,onde a escola, como plataforma do ensinar em comprometimento com sua sociedade tem sido alvo de vários pontos de questionamentos e deferimentos. O ensino de filosofia tornou se um drama dentro da dramaturgia que esta hoje inserida a escola. A sociedade como um todo faz suas criticas a educação publica,onde ae a escola publica vêm sendo caracterizada como, de mal qualidade em quase todos os estados brasileiros.E de senso comum apontar a escola como um" caos " no ensino primário ,médio e fundamental. Não quero,não devo e não posso compartilhar dessa visão que realística em alguns sentidos,pode corroborar com o pessimismo que assola em algumas camadas sociais em relação a escola publica.O Ensino publico tem apresentado índices de avanço em alguns pontos do pais em relação a inclusão,mas a qualidade vem sempre apresentando fatores desiguais variando de região em região. A filosofia não vai salvar a escola com seu *ensinar a pensar* ,mas pode e deve contribuir para que a mesma não torne a avalanche de obstáculos, que, colocados a priori desestabilizam a condução e construção de um ensino onde,a ética e a responsabilidade atuem juntas filosoficamente dentro da escola como um todo. Destaco também minha participação dentro do papel fundamental do professor de filosofia,seja como educador,monitor ou orientador,onde toda aula é um fator de esclarecimento que deve ser esclarecido por um conceito dentro de uma síntese que é a escola como um todo no seu educar. Toda síntese não passa de síntese parcial, e é nisso que consiste sua validade nos conceitos como foco de atingir um objetivo, que é o todo do ensinar. Onde o esclarecimento segundo, *ADORNO(1982)* é a inteligência filosófica que ,consiste, aqui, em colocar habilmente a recorrente tendência do intelecto à sincronia e em auscultar – “experienciar” em sentido profundo, os rearranjos do real tocado pelas questões que lhe são propostas pela filosofia. O sair da menoridade ,para uma maioria em que; *o sujeito seja capaz de pensar por si próprio. KANT.(1998).em "A paz perpetua"*, nos alerta dos problemas de se adquirir nessa passagem ,onde o professor de filosofia tem um papel importante a cumprir no seu ensinar..A sabedoria filosófica consistiria, assim, em acompanhar o desdobrar-se da temporalidade em que o real se constitui, sem violentá-la em esquemas que, muito úteis para sua inteligibilidade paralisada, pouco dizem da forma de como as coisas realmente ocorrem. No inicio do lecionar senti a possibilidade do ensinar como ,uma prioridade dessa vertente kantiana do iluminismo,mas depois observei e constatei que ,tanto o ensinar como a aula em sí é um acontecimento pedagógico que define na escola, um estilo de desdobramentos que só a realidade da aula, pode nos dar: onde a realidade é o conjunto de relações que os múltiplos estabelecem entre si,relações que não podem ser antevistas ou pré vista por nenhum tipo de redução transcendental nem ontológica. E isto por uma razão muito simples: porque o tempo de realização do sentido na sala de aula, como um conceito de diálogo e explicação, não pode esbarrar em fronteiras do ensinar apenas,mas, destacar o acontecimento da aula em si. O acontecer da aula é um fato que o professor deve suscitar como singularidade em comunhão com a gênese filosófica do ensinar,pois sabemos que a priore não existe uma receita que

verdadeiramente explicaria o ensinar, mas é preciso ter uma entre outras que dialeticamente contemple as diretrizes na qual o professor e a sala de aula estejam inseridos como ética do ensinar. Portanto foi com esse espírito que iniciei meus caminhos no lecionar, sabendo que há várias teorias que foram aplicadas, como a da "Escola nova", e o seu construtivismo, a Escola libertária, com sua pedagogia anarquista, e a escola que forma para o trabalho como o Senai entre outras. Mais sei que; nenhuma delas funciona sem uma dialogicidade entre professor e aluno. Em minha experiência de "professor de filosofia", constatei que "a sala de aula é como um teatro", nem sempre o que queremos mostrar no ensinar é absorvido. Nosso preparar de aula as vezes incorre em erros, como o de um ator que prepara seu texto para ser encenado e percebe em sua apresentação o fracasso do mesmo. A sala de aula é assim temos um público de alunos que nos esperam ávidos por uma mensagem que os faça entender os significados da aula e sua relação com seu cotidiano, quando isso não acontece a aula falhou em algum sentido. Os alunos sentem-se frustrados e nós professores mais ainda. Devemos criar e inventar novos conceitos de lecionar que não fujam da perspectiva da escola e do cotidiano do aluno. Portanto devemos ser sempre humildes em nossas revisões. Não existe uma receita a priori do lecionar. O ensino está em constante devir. Esse é o nosso desafio.

Referências:

- ALMEIDA, J. Estudos Deleuzeanos da Linguagem. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- ADORNO .T . Industria cultural .Pensadores Sao Paulo, 1982.
- BLANCHOT, M. O Livro por vir. 13 ed. Lisboa: Relógio d'Água, 1984.
- BATAILLE, G. A literatura do mal. Porto Alegre:L&PM, 1989.
- DELEUZE, G. A Dobra; Leibniz e o Barroco. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991
- KANT .E.A Paz perpetua.Pensadores.São Paulo ,1998